

L 1073/2 A.

FUNERAL OBSEQUIO

DA MAIS TRISTE SAUDADE
EM REPETIDOS SUSPIROS

Em a morte

DA SERENISSIMA SENHORA

D. FRANCISCA
INFANTA DE PORTUGAL,

Ponderando nelles a circumstancia de ser
em Oriente sepultada, fallecendo
em o Occidente.

A U T H O R

OP. ANTONIODES. JERONIMO
JUSTINIANO,



LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA RITA-CASSIANA.

Com todas as licenças necessarias.

Anno M. DCCXXXVI.

Vende-se na logea de João Rodrigues, às Portas de S. Catharina.

FUNERAL ORSEQUIO

DA MAIS KRISTE SAUBADA
EM REPETIDOS SUSPIROS

Em 5 de Maio

DA SERENISSIMA SENHORA

PROTESTACAM

AS palavras Deosas, Divindade,
&c. são expressoens Poëticas, e
naõ de quem as escreveo, que protesta
fer, como he, verdadeiro Catholico.



LISBOA OCCIDENTAL
NA OFFICINA ALTA-CASSANA

Com todos os privilégios de direito

Anno M. DCCXXVI

Revisado no logar de João Rodrigues de Sá e Castro



SUSPIRO PRIMEIRO.

SONETO.

PARA o Occaso caminhas Sol defunto,
 Mudando o nome triste em outro claro,
 Pois ficas sendo Oriente o mais preclaro,
 Sendo do teu esplendor luzido assumpto :

Já hoje tudo em ti se admira junto,
 O sepulchro do Sol unido ao raro
 Esplendor, que das luzes sendo avaro,
 Occaso já não he de horror transunto.

Es Oriente luzido, e o mais brilhante,
 Que ainda que em ti o Sol sepulte os rayos,
 O esplendor sempre vive triunfante ;

Pois trocando-se as luzes em desmayos,
 O mesmo horror do marmore constante,
 Ministra à nova luz altos ensayos.

SUSPIRO II.

SONETO.

O Sol em o Oriente assim espira?
 Raro caso, e fatal! Isto he possivel?
 Possivel he, que espire o Sol, e he crível,
 Que renasça tambem Fenix da Pira:

Razão he, que renasça, pois respira
 Neste Sol huma Fenix taõ vizivel,
 Que entre o claro incendio he já impossivel;
 Fenix não renascer, se o Sol suspira?

Entre o incendio renasça já amoroso,
 Que sempre no Oriente mais se apura,
 Aos reflexos do Sol claro, e fermoso;

Esta fineza pois dicta a ternura,
 Que renasça do tumulo famoso,
 Como Fenix, e Sol da formosura.

SUSPIRO III.

SONETO.

Retroceder o Sol desse Occidente,
 Maravilha parece foy luzida.
 Como do mesmo Sol esclarecida
 Fineza, vir buscar este Oriente.

Se no Occaso se viò, foy accidente
 Da mesma luz preclara engrandecida:
 Mas ainda, que já toda amortecida,
 Busca ao Sol, e onde o Sol nasce luzente.

Retrocedeo amante, e foy ventura
 Para onde o Sol nasce, e foy fineza,
 Por ter só no Oriente a sepultura;

Porque o Sol sem os lustres da grandeza
 Deste Sol preexcelso em fermosura,
 Fora Occaso, e não Oriente da belleza.

SUSPIRO IV.

SONETO.

EM o Oriente as luzes mais brilhantes,
 Se vem sempre no Sol, e sem desmayos;
 Pois os que este Sol tem seraõ enfayos,
 Para que as suas sejaõ mais flammantes?

Das luzes entre claras, e radiantes,
 Do mesmo Sol o provem com seus rayos,
 Como as gigantes flores lindos Mayos
 Florecendo aos deliquios mais amantes.

O Girasol cahindo amortecido
 Por amante do Sol, logo em nascendo,
 Entre o desmayo fica mais luzido;

E o mesmo Sol desmayos padecendo,
 Mais brilhante se ostenta, esclarecido
 Seràs Sol no desmayo, e ainda morrendo.

SUSPIRO V.

SONETO.

FOy affombro fatal, que o Sol no Oriente,
 Tumulo a si formasse agonizante!
 E em Urna de Christal sempre brilhante,
 Nella acabasse horror, brilhando ardente!

Deste horror, amor mesmo suavemente,
 Quiz que fosse do Oriente ao Sol radiante,
 Que offensa fora grande à luz flammante,
 Se acabasse entre as sombras do Occidente?

Naõ se offenda esta luz tão exaltada
 Entre as mais luzes regias da grandeza,
 Vendo-se entre os horrores sepultada:

Porque ainda entre horrores a fineza,
 Vendo que a deixa amor resucitada,
 A adora por imagem da belleza,

Queixas contra a morte.

SONETO VI.

Como assim, dura morte, sem respeito,
 Te opuzeste ao supremo, e engraçado;
 De hum flor, que no bello, e no animado;
 Era a flor do jardim do amor perfeito

Como ficou o jardim? Ficou imperfeito;
 E amor, como ficou? Desanimado;
 Não vibrou mais as settas? Nem cuidado
 Teve mais deferir nenhum sojeito.

Raro amor! Como assim sem valentia?
 Não vencias a tudo? Isto he peleja!
 Não vês morta esta flor com tyrannia?

Já não venço a ninguém, e assim se veja,
 Que da morte o impulso da ufania,
 A mim tirou o alento, e a flor a enveja.

Dezenganos a formosura.

SONETO VII.

MOrreo de Portugal a luz mais pura,
 E da Ulyffea a Flor mais soberana;
 Quem vio estrago igual? Pois he humana,
 A luz, flor, de huma, e outra a fermosura

O dezengano clama entre a ternura,
 Que morreo, como a rosa sempre ufana,
 A quem a mesma morte deshumana
 Vultraja, e estraga o bello entre a candura

Que esperar podem já as divindades
 Das Deosas adoradas nessa esfera,
 Mais, que morrerem efimeras deidades

Pois se na Lusitania a primavera,
 E a luz de Portugal entre as crueldades
 Da morte, o alento perde, o mais que espera

A sepultura

SONETO VIII.

JA' ès Ceo sepultura prodigiosa,
 Pois encerras em ti ao Sol luzido,
 E aonde o Sol habita, eu não duvido,
 Que Ceo sejas brilhante Urna famosa:

Eu não sei se lhe excedes portentosa,
 Pois o Sol, que em ti tens amortecido,
 Reverbera mais luz esclarecido,
 Que o Sol em tanta luz, bella, e fermosa.

Naõ duvides do excessõ luz gigante,
 Deste Sol soberano, e agigantado
 Nos Magestosos timbres de brilhante;

Porque se occulto estâ mais venerado
 Do respeito se faz hum Sol radiante,
 Quanto a luz mais occulta ao nosso agrado.

Portugal sentido.

SONETO IX.

JA' da Deosa do amor se vê ecclipsada
 A clara luz radiante, e a mais formosa,
 Emulação da mesma luz mimosa,
 Como da Deosa Venus envejada:

Toda a luz espirou; mäs exaltada
 Espirando se vio, subindo ayrosa
 A' mais superior esfera prodigiosa,
 E levando-se ao Ceo, delle adorada.

Sentiras Portugal tanta dureza
 No eclipse desta luz, formosa, e pura?
 Se no Ceo ella està, não he fineza!

Mäs sempre chorarey, pois he ternura,
 Em hum eclipse fatal de huma belleza,
 Ser sacrificio o pranto, em quanto dura.

MOTTE.

*De Portugal a belleza**Subio a maior altura,**Não só pela fermosura,**Como por sua grandeza.**De Portugal a belleza*

Quem morreo em Portugal,
 Dize, oh morte, quem morreo?
 Huma Flor toda do Ceo,
 Ou huma Estrella a ella igual:

Mais não dizes? Quem vio tal!

Jâ o digo; foi sua Alteza:

Não digas mais; oh dureza

Contra mi executada,

Pois vejo já sepultada

De Portugal a belleza.

Subio a maior altura,

Grande arojo! Raro caso
Foy este Parca tyranna!
(Mas tu quando foste humana?)

E se o foste foy acaso:
Em que parte teve o Occaso
Esta rara formosura?
Que dizes, oh Parca dura?
No Oriente; e Occaso he
Do Sol? Ao Sol direi, que
Subio a maior altura.

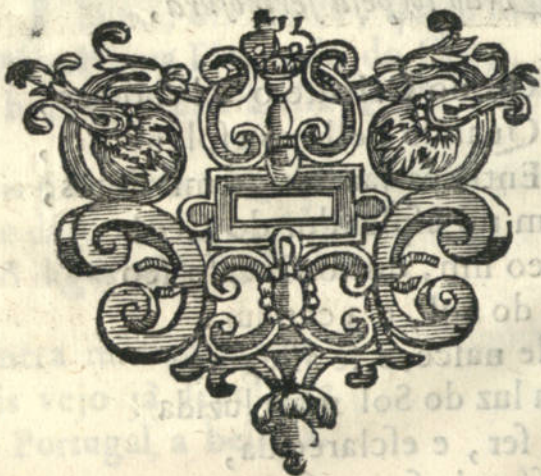
Naõ só pela formosura,

Pois no Oriente o Sol morreo,
Quando nelle os esplendores,
Entre os jardins de mil flores,
Se vem no esplendor do Ceo!
Morreo fim, que o Occaso feo
He o do Sol, e a candura
Aonde nasce, e se assegura,
Que a luz do Sol mais luzida
Hade fer, e esclarecida,
Naõ só pela formosura.

Como

Como por sua grandeza.

A 'Melhõr pompa subio
 O Sol , morrendo este Sol ,
 Pois nas luzes do Crisol ,
 Em elle as luzes , mais vio
 Reverberar , e a seguio ,
 Como ao Sol , e foy fineza ,
 Pois inda morta a belleza ,
 Não morreo nella o brilhar ,
 Não só por luz singular ,
 Como por sua grandeza.



ULTIMO SUSPIRO AO
enlutado Tumulo.

SONETO MORAL.

M Ausoleo enlutado , e portentoso
Muito triste te vi : Perdi o alento.
Naõ tens em ti ao Sol ? Pois Monumento
Es do Sol , e estàs triste , e luctuoso ?

Com silencio profundo , e horroroso
Me respondes que sim ; e o sentimento
Diria , a formar voz o seu lamento ,
Que estavas do que foy , e era choroso .

A maravilha foy , de que redunda
A' Monarquia Lusã , e sublimada
A prenda melhor ser , e sem segunda ;

E o que era ? Clame a pena desmayada ,
Com bem pena mostrando a mais profunda ,
Que era , cinza , pò , vento , sombra , e nada .

F I M.



ULTIMO SUSPIRO AO

entulhado Tumbulo.

SONETO MORAL.

M Aulico entulhado, e apontado
 Mito talle te vi: Perdi o alento.
 Não tens em ti ao Sol: Pois Monumento
 És do Sol, e estas tallas e lachulos;

Com silencio porando, e horroroso
 Me respondes que sim, e o lenimento
 Ditas, a formar voz de lamentoso,
 Que estas do que soy, e era choroso;

A maravilha soy, de que restando
 A Monarquias Lais, e sublimadas
 A prenda melhor ser, e sem legadas
 E que era: Clavo a nona das madas,
 Com bem pensadas e mais poradas,
 Que era, cinto, pó, vento, sombra, e nada.

F I M.

